

Rumo à Multilateralidade Internacional

Hélio Jaguaribe

Na última década do século XX os EUA surgiram como a única superpotência mundial. Vários factores explicam, contudo, o facto de não existir actualmente uma unipolaridade mas sim uma "unimultipolaridade". Irá o mundo no novo século evoluir para um regime multipolar? E como evoluirá a multilateralidade?

Estará o mundo tendencialmente a encaminhar-se, no século entrante, para um regime de multilateralidade? Um breve tratamento dessa questão requer, ainda que não menos brevemente, uma análise do processo de configuração de uma nova ordem mundial, depois da implosão da União Soviética e do fim de regime de bipolaridade que regulou o mundo na segunda metade do século XX.

A característica central do actual sistema internacional é a existência de uma só superpotência, os Estados Unidos, dotados de incontrastável supremacia económico-tecnológica e militar. Tal supremacia confere-lhes um inigualado poder de intervenção, directa e indirecta, nos negócios do mundo, sem, entretanto, lhes proporcionar completa unipolaridade. A essa situação Samuel Huntington deu a denominação, num vocábulo algo esdrúxulo, mas correcto, de "unimultipolaridade". Trata-se de uma semi-unipolaridade, que não logra ser uma integral unipolaridade por estar limitada por constrangimentos internos e externos.

Os constrangimentos internos decorrem de factores institucionais e socioculturais. Os Estados Unidos são uma democracia de massas, cujas instituições lhes vedam formas autoritárias de poder, sem as quais não se pode administrar um império, e cuja população, embora orgulhosa das suas conquistas, não se dispõe a sacrifícios pessoais e financeiros requeridos pela sustentação de um projeto imperial. Acrescente-se que a cultura americana, orientada por uma ética da liberdade e dos direitos humanos, é contrária à prática unilateral da violência, sem o oportuno emprego da qual tampouco se pode manter um império. Os constrangimentos externos, por seu lado, decorrem da oposição, tanto de países amigos, como os da Europa, como de potências menos amigas, como a China e a Rússia, a formas arbitrárias de intervenção americana nos negócios mundiais.

A combinação dessas duas ordens de constrangimentos força os Estados Unidos, para as suas intervenções coercitivas no mundo, a depender do acordo do Conselho de Segurança das Nações Unidas e, pelo menos, da NATO. Daí, entre outras razões, a intransigente deliberação, por parte dos Estados Unidos, de manter a NATO quando desapareceram as razões que a motivaram: a contenção da União Soviética. O resultado final não é a instituição de um "império americano" e sim de um campo de influência americano (o termo "campo" sendo empregue em sentido equivalente ao de "campo magnético" ou "campo gravitacional").

Sem embargo da incontrastável supremacia de que ora dispõem os Estados Unidos, a sua condição de "unimultipolaridade" é instável. No curso das próximas décadas, ou se consolida, de forma definitiva, a hegemonia mundial americana, gerando uma "Pax Americana" de longa duração, ou prosperam as tendências, na Europa, na China e na Rússia, ademais de em outras potências, no sentido de adquirirem equipolência de poder — não necessariamente equivalência — com os Estados Unidos, gerando um novo mundo multipolar.

Perante essa alternativa, a questão da multilateralidade internacional apresenta correspondentes alternativas. Presentemente, observa-se no mundo uma situação que pode ser definida como de relativa multipolaridade. É a que decorre da referida condição de "unimultipolaridade" dos Estados Unidos. Se se consolidar a hegemonia norte-americana, tenderá a formar-se um regime de uma "unilateral multilateralidade". Ou seja, uma situação em que os Estados Unidos, em virtude dos seus constrangimentos internos e remanescentes constrangimentos externos, aceitarão as relações de multilateralidade que não lhes sejam adversas e imporão modalidades unilaterais às relações que lhes sejam essenciais.

Se, diversamente, vier a confirmar-se, na segunda metade do século XXI, como é ligeiramente mais provável, um regime de multipolaridade, ocorrerá, correspondentemente, uma multilateralização das relações internacionais. Só há efectivo multilateralismo onde não exista uma excludente concentração de poder.